

## **A ELABORAÇÃO (WORKING THROUGH) NO PROCESSO ANALÍTICO \***

*Thelma D. B. da Silva\*\*  
Yutaka Kubo\*\*\**

EM SEU TRABALHO DE 1914, FREUD INTRODUZ PELA PRIMEIRA vez, em seus escritos, a expressão elaboração (working through) no processo analítico.

Em se tratando de um trabalho sobre técnica analítica, Freud tenta transmitir elementos da sua experiência psicanalítica:

“O primeiro passo para a superação da resistência é dado, como nós sabemos, pelo analista, descobrindo-a, resistência esta que nunca é reconhecida pelo paciente, pondo-o em contato com ela. Parece que os principiantes na prática analítica se inclinam a ver este passo introdutório como constituindo todo o seu trabalho: “Precisa-se dar tempo ao paciente para se tornar mais familiarizado com esta resistência, com a qual foi agora posto em contato, para elaborá-la, para superá-la, continuando apesar dela o trabalho analítico de acordo com a regra

\* Tema oficial do V Congresso Brasileiro de Psicanálise, Porto Alegre, outubro/1975. Participaram das discussões sobre o tema com os autores a Profa. Lygia A. do Amaral (analista-didata) da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, e sra. Maria M. B. Lopes (membro-associado) da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

\*\* Membro-associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

\*\*\* Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

fundamental da análise. Somente quando a resistência tenha alcançado seu ápice, pode o analista, trabalhando em cooperação com seu paciente, descobrir os impulsos instintivos reprimidos que estavam alimentando a resistência e é esta espécie de experiência que convence o paciente da existência do poder de tais impulsos. O médico, em tudo isto, não tem mais nada o que fazer senão esperar e deixar se desenvolver um processo que não pode ser eludido nem apressado. Se ele não levar em conta seguramente esta convicção, pode muitas vezes ser surpreendido pela ilusão de haver fracassado quando de fato está conduzindo o tratamento em linhas corretas.

Esta elaboração da resistência pode na prática tornar-se uma árdua tarefa para o sujeito da análise e uma dura prova de paciência para o médico. Contudo, esta é uma parte do trabalho que exerce sobre o paciente maior efeito modificador e que distingue o tratamento psicanalítico de qualquer espécie de tratamento por hipnose.”

Um dos aspectos que ressaltam à observação no conceito de Freud sobre elaboração é a ênfase dada à participação decisiva do analisando no processo analítico.

A necessidade de elaboração é decorrente exclusivamente das peculiaridades mentais e de personalidade do analisando que podem ser intuídas pelo analista no evoluir do processo analítico. O curso do processo analítico, como o processo de elaboração que lhe é inerente, é determinado pelas peculiaridades mentais do inconsciente e neste sentido o analista realiza o seu trabalho de interpretação, considerando este fato: a realidade psíquica e a personalidade do analisando, seus recursos, suas limitações e suas possibilidades para desenvolvimento mental.

Freud deixa claro que para o trabalho de análise produzir frutos é necessária a presença ativa indispensável tanto do analista como do paciente, cada qual em sua função peculiar, o analista realizando seu trabalho de interpretação e o analisando utilizando-se de seus próprios recursos para efetuar a elaboração do que experimenta e descobre de si mesmo com a ajuda do analista.

Está implícito no texto de Freud que a interpretação é o instrumento verbal que o analista usa para provocar o uso da atenção e percepção do paciente (insight), ao mesmo tempo é um elemento que o paciente pode usar para confronto com suas teorias e é o que mobiliza a elaboração no processo analítico.

Assim, através da atitude mental de receptividade, a personalidade do paciente e, através do seu instrumento de trabalho, a

interpretação, o analista oferece as condições necessárias para o analisando confrontar-se e adquirir sua própria percepção de sua realidade psíquica que aparece sob a forma de resistência, e possibilita que o analisando possa perceber a natureza da resistência e a natureza do trabalho que está sendo feito na análise que é peculiar e diferente de todas as experiências que possa ter tido ou venha a ter na vida.

Freud, em seu trabalho sobre "Resistências à Psicanálise", refere a fonte de dor que a experiência nova provoca no homem, pelo esforço ou o trabalho mental que o desconhecido representa para a mente humana, o preço a pagar e sua concomitante insegurança, angústia de não saber no que resultará. Freud deixa claro que a mente humana com sua complexidade e suas peculiaridades é este desconhecido e curioso elemento, a experiência nova. É bem conseqüente, entre outras razões, à luz desta observação de Freud, confirmada na experiência, que uma pessoa apresente resistência à análise, pois esta lida exatamente com o que de mais importante existe, que é a vida mental e a personalidade.

Escreve Freud (1914) que depois de ter revelado ao paciente a existência de uma resistência deve-se dar tempo para que este se familiarize com ela e assim a supere. O que significa familiarizar-se com a resistência? Lidando com a elaboração do luto normal, Freud (Freud, 1917) chama atenção que a pessoa em luto está diante de um fato, a perda real da pessoa amada, mas não pode aceitar facilmente a realidade da perda. É mobilizada e absorvida, pela exigência da realidade da perda, a efetuar um trabalho penoso e demorado de superação do luto que se defronta. Somente através de repetidos exames da realidade, que implica em repetidas revivências da realidade da perda, é ajudada no trabalho difícil e penoso de desvincular as catexis libidinosas das lembranças e saudades do objeto perdido e somente através deste procedimento o ego supera a perda, isto é, decide-se à psicose optativa ou assume a responsabilidade de reestruturar sua vida mental e libidínica, renunciando aos vínculos libidinosos com o objeto perdido e aceitando a realidade da perda. Somente deste modo coloca-se a pessoa disponível, incluindo sua libido, para novas fontes de interesse vital para o Ego. Nesse processo de superação do luto destacam-se dois fatores: a necessidade de repetidas provas ou exames da realidade da perda e o fator intrínseco às satisfações narcísicas que a vida oferece. Salienta Freud que é a exigência da realidade que provoca o Ego a efetuar o trabalho de superação do luto; contra esta exigência surge uma

resistência naturalíssima, a libido não abandona de gosto ou espontaneamente nenhuma fonte de satisfação conquistada, mesmo quando novas fontes de satisfação lhe são oferecidas. Aí o fato, no ponto de vista de Freud, de o processo de superação ou de elaboração do luto ser tão demorado.

Alguns analistas, como por exemplo Fenichel (Fenichel, 1941), propõem como modelo de elaboração no processo analítico, o trabalho de luto. Para este autor, a elaboração no processo analítico consiste em apresentar ao analisando, repetidas vezes, a mesma interpretação, ainda que em diversos momentos da análise e sob diversos ângulos, ligada à situação emocional traumática que o analisando reexperimenta na situação transferencial, até que o paciente a assimile, a domine e a supere.

Sobre o trabalho de interpretação durante o processo analítico, M. Klein (Klein, 1940) formula de modo diferente. Fundamentada na sua experiência, esta autora assinala que ela interpreta progressivamente os aspectos novos que são mobilizados durante o processo analítico. E, em relação ao luto, para M. Klein o juízo da realidade e a conscientização de todas as fantasias atinentes ao luto é uma condição ineludível de sua elaboração, isto é: os sentimentos de dor, luto, angústia e pesar que são provocados pela perda real da pessoa amada, estão em grande parte aumentados porque esta perda mobiliza as fantasias inconscientes mais profundas da mente, relacionadas com o temor da perda dos bons objetos internos; em outras palavras, as angústias esquizo-paranóides e depressivas e suas defesas primitivas estão mobilizadas. E a razão por que o trabalho de luto é tão demorado, doloroso e necessita de recorrentes exames da realidade da perda é devido ser este o único modo como o Ego pode reconstruir o mundo interno sentido em perigo pelo ódio que a frustração e a angústia da perda provocam.

Assim, tanto para Freud, como no pensamento de M. Klein, é o reconhecimento e a aceitação da realidade psíquica e da realidade externa e os procedimentos como esta realidade é trabalhada e estabelecida tanto internamente como externamente, que são os elementos para o progresso e a integração do aparelho mental e da personalidade.

No conceito estrutural dinâmico de elaboração, Freud (Freud, 1926) escreve que a força motriz que exige a elaboração é a resistência do Id. A resistência do Id está relacionada com a teoria de Freud sobre a inércia na vida psíquica, isto é, com uma tendência do aparelho mental de procurar conservar as fontes

de satisfação libidínosa que lhe asseguram o *status quo*. Freud considera esta tendência um fenômeno inerente e inato à mente humana. Esta tendência oferece tenaz resistência a qualquer modificação econômica, dinâmica e estrutural e, como é um fator constitucional, é variável em intensidade de personalidade para personalidade.

Em seu artigo sobre os dois princípios do funcionamento mental, Freud (Freud, 1911) expõe seu pensamento sobre o desenvolvimento mental primitivo: na fase mais precoce do desenvolvimento mental há o predomínio dos processos primários a serviço do princípio do prazer; a função dos processos primários é obter o prazer, e a atividade psíquica se evade daqueles atos que produzem desprazer ou dor. A frustração da real satisfação esperada motiva a abandonar a satisfação por meio da alucinação e, para substituí-la, tem que decidir-se o aparelho psíquico a representar as circunstâncias reais do mundo exterior e tender à sua modificação. Com este procedimento um novo princípio da atividade psíquica, o princípio da realidade, fica introduzido, aqui já não se representa o agradável, senão o real, ainda que desagradável. A introdução do princípio da realidade traz consigo importantes conseqüências de significação decisiva para o desenvolvimento mental: maior importância às impressões sensoriais dirigidas para o mundo exterior e da consciência ligada a elas. A consciência aqui — como órgão de percepção das qualidades psíquicas (Interpretação dos Sonhos, Freud).

Atenção com sua função de captação; um sistema de anotação que recolhe as experiências, a memória; juízo ou discernimento que permite distinguir o falso do verdadeiro e que muda a qualidade da repressão; uso de descarga motora que se transforma em ação apropriada a uma alteração da realidade.

Nota-se, aqui, que a ação sob o regime do princípio do prazer se destina a simples descarga motora de estímulo que corresponde, no pensamento de Freud, à satisfação alucinatória de desejo; sob o domínio do princípio da realidade, é usada como comunicação com a mãe; posteriormente, Bion (Bion, 1957) chama esta comunicação primitiva de identificação projetiva realística, que tem função importante para o desenvolvimento mental e no relacionamento da criança com a mãe; é o início do pensamento verbal que se produz posteriormente com a experiência depressiva. Um sistema de pensamento que é, de acordo com Freud, o modo pelo qual se torna possível tolerar a frustração, isto é, este sistema funciona para a mente, como um modo de experimentar a ação, antes de executá-la de fato.

Neste mesmo trabalho, Freud afirma que a consolidação do princípio da realidade se faz de modo lento e gradual e não se processa em toda extensão e profundidade nas áreas de organização do Ego e de desenvolvimento mental e sexual.

À luz da teoria de Freud sobre os dois princípios do funcionamento mental, a elaboração poderia ser entendida como o processo pelo qual o Ego supera e vence o princípio do prazer e se consolida o princípio da realidade com todas as conseqüências acima sumariamente relacionadas. Conseqüências estas que são as funções mentais do Ego e ao mesmo tempo seu principal instrumento de promover desenvolvimento mental e de personalidade.

No processo analítico, a elaboração é o modo pelo qual se processa a consolidação do princípio da realidade naquelas partes do Ego ou da mente dominadas pelo princípio do prazer. Parece-nos que visto deste modo ganha sentido o que Freud menciona em seu trabalho "Inibição, Sintoma e Angústia" (1926) que a superação das resistências ou o trabalho de interpretação está fundamentado no fato que para o Ego resulta difícil dirigir sua atenção para a percepção e reconhecimento como seus, certos impulsos que têm sido para ele um princípio de conduta evitar. É muito angustiante, pelas emoções e conflitos que provoca, admitir a existência de uma personalidade primitiva em si mesmo e confrontá-la com o que é evoluído de si mesmo. Quando Freud escreve, neste mesmo trabalho, que mesmo quando o Ego se decide a abandonar suas resistências, que equivale dizer, usar da verificação ou exame da realidade, encontra dificuldade em desfazer-se de suas repressões; aqui neste ponto, fica evidenciado e confirmado na experiência, que o momento de decisão se relaciona com a relutância do paciente em assumir a responsabilidade pela realidade psíquica, por medo de suas conseqüências.

Freud afirma, em várias passagens de seus escritos, que a finalidade da análise é estabelecer a síntese entre o Ego e o Id; à luz dos dois princípios que o Ego domine o Id e coloque as forças psíquicas que emanam do Id sob o princípio da realidade que leva ao desenvolvimento mental.

De acordo com Freud (Freud, 1937), no desenvolvimento mental existem perigos peculiares a cada etapa do desenvolvimento, com seus mecanismos de defesa peculiares a eles, e o Ego não poderia passar sem estes procedimentos defensivos durante o seu desenvolvimento. Porém, se estes procedimentos defensivos são mantidos em etapas posteriores da vida, quando se tornam inadequados para o desenvolvimento, o Ego para mantê-los necessita falsificar a realidade e a percepção, *a verdade*. A conseqüência

deste processo de falsificação é que o Ego paga um preço demasiadamente alto, porque estes mecanismos se convertem em perigo para a personalidade e para o próprio Ego. A única exceção aqui é para a repressão.

O uso sistemático da falsificação da realidade interna e externa leva inevitavelmente à neurose, psicose e deterioração mental.

Os mecanismos de defesa têm por finalidade minorar ou evadir-se da dor, desprazer e angústia insuportável e o Ego se evade da realidade ou do fragmento da realidade que odeia e repudia porque conflitante e angustiante. Assim, a resistência à análise tem por função essencial manter os mecanismos de defesa que são sentidos como os modos que o Ego se reassegura do afastamento da realidade dolorosa e insuportável.

Em relação à elaboração, Freud (Freud, 1914) mostra que o processo de elaboração tem início a partir do momento em que o analista revela ao paciente a existência da resistência e dos impulsos instintivos que alimentam a mesma. Neste momento, o analisando é confrontado entre a falsificação da realidade e o exame de sua realidade, da qual tem-se evadido e também é confrontado com a decisão entre manter a falsificação ou seu modo, ou rever e descobrir novo destino para o impulso ou novos modos de lidar com angústia, conflito, realidade psíquica.

Freud, textualmente, afirma que a elaboração é um trabalho árduo para o analisando e sugere claramente que o paciente já está suportando o sofrimento, a dor e angústia, que acompanha o contato com a realidade psíquica, isto quer dizer que, durante a elaboração, o Ego ou, pelo menos, parte do Ego opera sob o domínio do princípio da realidade.

A formulação de M. Klein vem corroborar este modo de pensar. Segundo M. Klein, a criança, desde o princípio de seu primeiro ano de vida, tem um núcleo de Ego e algum grau de reconhecimento da realidade que lhe possibilita lidar com angústias e emoções emergentes. Sumariamente, a formulação de M. Klein sobre o desenvolvimento mental da criança: nos três primeiros meses de vida da criança o Ego é ainda incipiente e carece de integração. O funcionamento mental é dominado pela fantasia e os mecanismos mentais de defesa primitivos. O relacionamento objetal é parcial e fragmentário. A angústia proveniente da ação do instinto de morte dentro do organismo é manejada pelo mecanismo de identificação projetiva. O Ego deflete o instinto de morte sobre o seio e este transforma-se em protótipo do objeto per-

seguidor. O instinto de vida é igualmente projetado no seio, tornando-se o seio, protetor e objeto de amor. A angústia portanto é de natureza persecutória. Esta é a fase ou posição esquizoparanóide. No segundo trimestre da vida ocorrem modificações profundas no funcionamento mental da criança: o Ego, mais integrado, começa a adquirir maior percepção da realidade, tanto externa como interna ou psíquica. Tem o Ego de reconhecer que o seio persecutório odiado e atacado é o mesmo seio amoroso e amado e o Ego também percebe que contém certos impulsos e sentimentos que antes atribuía aos objetos externos. Surge então outra espécie de angústia, a angústia depressiva, com forte teor de sentimentos de culpa. Esta angústia depressiva, acrescida da angústia persecutória remanescente de fase anterior, engendra uma situação de angústia intensa e insuportável. É a posição depressiva infantil.

Se o Ego não estiver em condição de suportar esta angústia, volta à posição esquizoparanóide, com a perda, inclusive, da capacidade de percepção da realidade. E, novamente encorajado pela identificação introjetiva com o objeto ideal e pelas experiências recorrentes de satisfação com objeto externo, movimentam-se para a posição depressiva.

Os movimentos de ida e volta às posições esquizoparanóide e depressiva repetem-se incontáveis vezes, até que o Ego, mais integrado através da introjeção e identificação com o objeto bom e amado, torna-se capacitado para suportar a dor e a angústia depressiva. O Ego, através da vivência repetida da posição depressiva, vai lentamente introjetando e estabelecendo internamente o objeto, desta vez mais real. Através deste processo de integração do Ego e do objeto e diferenciação de realidade interna e externa, processa-se a elaboração da posição depressiva. O Ego se fortalece, expande-se. É o desenvolvimento mental.

Quando foi tratado acima o ponto de vista referente ao trabalho de interpretação do analista, mencionou-se que o analista oferece a interpretação repetidas vezes ao analisando. Verifica-se que M. Klein menciona este elemento repetitivo. Mas a ênfase recai sobre outro elemento, em M. Klein, a introjeção do objeto real. A repetição da vivência depressiva tem como finalidade e função possibilitar esta introjeção.

Confrontando os pensamentos de Freud e de M. Klein, verifica-se que há muitos pontos em comum, embora aparentemente falem duas linguagens diferentes.

O que para Freud é a fase do predomínio do prazer corresponde à posição esquizoparanóide de M. Klein, e a posição depressiva desta é equiparável à fase do predomínio do princípio da realidade daquele. Se Freud enfatiza a aceitação do veredito da realidade, M. Klein fala em introjeção do objeto mais real. Ambos são concordes em afirmar que a elaboração se inicia quando o Ego entra em contato com a realidade psíquica e externa ou, usando a linguagem de Freud, quando toma conhecimento das resistências e dos impulsos reprimidos.

A revisão da hipótese de M. Klein sobre desenvolvimento mental possibilita maior compreensão dos escritos de Freud e a revisão dos escritos de Freud possibilita perceber que M. Klein evoluiu usando as teorias de Freud e com sua experiência analítica com crianças e adultos neuróticos e psicóticos.

Escreve Freud que em certo momento da análise existe aumento das resistências e a situação torna-se mais obscura do que nunca. É o fenômeno de regressão à fase esquizoparanóide.

Escreve ainda Freud que o processo de elaboração constitui um trabalho árduo e sugere nesta passagem que o analisando está suportando grande soma de angústia. Foi visto acima que, segundo M. Klein, a elaboração é possível quando o Ego está capacitado a suportar a dor e angústia. Eis mais um ponto de convergência entre as duas formulações.

O presente trabalho propõe entender a elaboração como um processo que tem lugar quando o Ego entra em contato com a realidade e aí ter sido destacado este elemento. Segundo M. Klein, existe Ego desde o momento do nascimento e este apresenta algum grau, embora incipiente e pouco desenvolvido, de capacidade de perceber a realidade. Esta capacidade de percepção da realidade é indispensável mesmo para a sobrevivência biológica da criança. Se assim é, há o processo de elaboração desde o início da vida da criança. A posição esquizoparanóide ou os fenômenos mentais próprios desta fase são o produto do processo incipiente de elaboração. A capacidade de elaboração é função do Ego e está presente, mesmo de modo incipiente, no Ego primitivo.

Toda resistência, independente da sua natureza e de sua função, sempre provocaria algum grau de angústia ao ser mobilizada e necessitaria de processo de elaboração, isto é, o elemento resistência do Id está contido e operante em toda e qualquer resistência. Elaboração está, pois, presente desde o início do processo analítico. Neste sentido, a primeira formulação de Freud (Freud, 1914) descritivamente está de acordo com a realidade do pro-

cesso analítico. A elaboração existe sempre onde existe trabalho com resistências, e estas sempre estão presentes em todo o curso da análise. M. Klein enfatiza (Inveja e Gratidão) que existem níveis de aprofundamento da elaboração, querendo dizer que a cada pequena integração no Ego de partes de sua realidade este se fortalece e se sente encorajado a efetuar a elaboração de elementos da mente mais primitivos ou intoleráveis. Ao mesmo tempo, esta autora confirma a opinião apresentada que, à superação de uma resistência, se segue o aparecimento de novas, e quanto mais profundos e intoleráveis os aspectos da personalidade ou da mente primitiva a ser elaborados, mais fortes são as resistências a serem trabalhadas. Exemplo deste ponto de vista de M. Klein é a inveja primária que é muito difícil de ser tolerada e elaborada, mesmo em pacientes mais normais.

M. Klein, ao descrever o processo de desenvolvimento mental da criança, enfatiza a importância da força do Ego que está dependente do grau em que predomina nele a fusão do instinto de vida e do instinto de morte que é inato, isto é, quando predomina o instinto de vida o Ego tem uma qualidade inata que o torna forte e capaz de suportar angústia e, ao mesmo tempo, também, esta capacidade para ser usada depende da intensidade da angústia a ser lidada. O desenvolvimento mental e, portanto, o processo de elaboração que subjaz a este desenvolvimento, está na dependência de características inatas da criança e de situações de angústias emergentes por conjunção de fatores internos e externos.

Este fato foi também assinalado igualmente por Freud: no seu trabalho de 1914, Freud escreve expressamente que durante o trabalho de elaboração o médico nada tem a fazer a não ser esperar pacientemente este processo de elaboração, revelando seu pensamento: a elaboração é trabalho executado pelo analisando e sua peculiaridade depende deste, o analista não pode evitar, nem apressar, somente pode ajudar através do trabalho de interpretação. O trabalho de interpretação deve conter ou expressar uma atitude de receptividade e tolerância às angústias, conflitos e personalidade do analisando. E é da prática de que a interpretação que expresse de modo útil o conflito com que o paciente se defronta em desenvolver sua personalidade ou, dito de outro modo, o conflito entre o Ego realista e evoluído e o Ego primitivo do paciente ajuda-o a verificar por que, tendo suas capacidades para desenvolvimento, não pode usá-las, isto é, por que, dispondo do instrumento de desenvolvimento que é o princípio

da realidade, não pode usá-lo, ou se o uso que faz dele é de modo insuficiente e está interferido pelas falsificações.

M. Klein estendeu a noção de elaboração ao desenvolvimento mental espontâneo da criança. Mas o desenvolvimento mental no processo analítico oferece um fato diferente: é a presença do psicanalista.

É de presumir que quando a criança no seu desenvolvimento mental espontâneo encontra alguma dificuldade que opere os dois elementos conjuntamente, fatores internos e externos, encontra dificuldade para superar e elaborar a posição depressiva, extensa e profundamente resulta em conseqüências para seu desenvolvimento posterior.

Na análise, o analista e o paciente podem ter a oportunidade de observar estas conseqüências, isto é, na análise, o analista, através da interpretação, coloca o paciente em contato com a realidade de que se evadiu no curso da vida.

Pode-se considerar que a análise começa onde o desenvolvimento espontâneo ficou bloqueado; este fato explicaria grande soma de angústia que emerge no processo analítico.

Mas a interpretação e a situação de análise nem sempre seriam a fonte de angústia e de sofrimento. A prática mostra que a interpretação diminui a angústia. Se a realidade é repudiada, odiada e rejeitada, em grande número de situações e de personalidades, estes sentimentos provêm não da realidade, mas das fantasias a respeito, sendo a falsificação da realidade a fonte de intensa angústia. A interpretação pode facilitar a elaboração, não só porque diminui a angústia, mas porque oferece ou revela ao paciente aspectos mais verdadeiros de sua realidade e da realidade da experiência da análise.

## BIBLIOGRAFIA

- BION, W. R. (1957): Differentiation of the Psychotic from the Non-Psychotic Personalities — *Int. J. Psycho Anal.* 38:266-75.
- FREUD, S. (1911): *Formulations on the Two principles of Mental functioning* — S.E. XII.
- FREUD, S. (1914): *Remembering Repeating, and Working-Through*, S.E. XII.
- FREUD, S. (1917): *Mourning and Melancholia* — S.E. XIV.
- FREUD, S. (1926): *Inhibitions, Symptoms and Anxiety*, S.E. XX.
- FREUD, S. (1937): *Analysis Term. and Interminable*, S.E. XXIII.

- KLEIN, M. (1940): *Mourning and its Relations to Manic Depressive States Contributions to Psycho-Analysis.*
- KLEIN, M. (1952): *Some Theoretical Conclusions Regarding the Emotional Life of the Infant. Developments of Psycho-Analysis.*
- KLEIN, M. (1960): *Our Adult World and its Roots In Infancy* — London, Tavistock, 1969.
- KLEIN, M. e J.R.: *Las Emociones Basicas del Hombre* — Ed. Nova B.A.